

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

FEVEREIRO DE 1863

Nº 2

Estudo sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

Terceiro artigo³

O estudo dos fenômenos de Morzine não oferecerá nenhuma dificuldade quando estivermos imbuídos dos fatos particulares que citamos e das considerações que um estudo atento delas permitiu deduzir. Bastará relatá-los para que cada um encontre em si mesmo sua aplicação por analogia. Os dois fatos seguintes ainda nos ajudarão a orientar o leitor. O primeiro nos é transmitido pelo Dr. Chaigneau, membro honorário da Sociedade de Paris e presidente da Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angely.

“Uma família fazia evocações com um ardor desenfreado, induzida por um Espírito que nos foi indicado como muito perigoso. Era um de seus parentes, morto depois de uma vida pouco recomendável e terminada por vários anos de alienação mental. Sob nome falso, por surpreendentes provas mecânicas, belas promessas e conselhos de irreprochável moralidade, tinha

³ Vide os números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863.

conseguido fascinar de tal modo aquela gente muito crédula, a ponto de submetê-la às suas exigências e forçá-la a praticar os atos mais excêntricos. Não mais podendo satisfazer a todos os seus desejos, pediram o nosso conselho e tivemos muito trabalho para dissuadi-los e provar-lhes que lidavam com um Espírito da pior espécie. Conseguimo-lo e pudemos obter que, ao menos por algum tempo, eles se abstivessem. A partir de então a obsessão tomou outro caráter: o Espírito se apoderava completamente do filho mais jovem, de catorze anos, o reduzia ao estado de catalepsia e, por sua boca, solicitava entrevistas, dava ordens e fazia ameaças. Aconselhamos o mais absoluto mutismo, que foi observado rigorosamente. Os pais entregaram-se à prece e vinham procurar um de nós para os assistir. O recolhimento e a força de vontade sempre nos fizeram mestre em poucos minutos.

“Hoje, praticamente, tudo cessou. Esperamos que, na casa, a ordem sucederá à desordem. Longe de se revoltarem contra o Espiritismo, crêem mais que nunca e com mais seriedade. Agora compreendem seu fim e as conseqüências morais. Todos entendem que receberam uma lição; alguns uma punição, talvez merecida.”

Mais uma vez este exemplo prova o inconveniente de nos entregarmos às evocações sem conhecimento de causa e sem objetivo sério. Graças aos conselhos da experiência que aquelas pessoas ouviram, puderam desembaraçar-se de um inimigo, talvez perigoso.

Um outro ensinamento, não menos importante, ressalta do fato em questão. Aos olhos das pessoas estranhas à ciência espírita, o rapaz teria passado por louco; não teriam deixado de lhe aplicar o tratamento correspondente, que, talvez, desenvolvesse uma loucura real. Com a assistência de um *médico espírita*, o mal, atacado em sua verdadeira causa, não teve nenhuma conseqüência.

Já o mesmo não se deu no fato seguinte. Um senhor de nosso conhecimento, que mora numa cidade do interior bastante

refratária às idéias espíritas, foi tomado subitamente por uma espécie de delírio, no qual dizia coisas absurdas. Como se ocupasse de Espiritismo, naturalmente falava de Espíritos. Aqueles que o cercavam, assustados e sem penetrar a coisa, cuidaram de chamar os médicos que, para grande satisfação dos inimigos do Espiritismo, o declararam atacado de loucura; já se falava até mesmo em interná-lo numa casa de saúde. Tudo quanto soubemos das circunstâncias daquele acontecimento prova que aquele senhor se achou, de repente, sob o império de uma subjugação momentânea, talvez favorecida por certas predisposições físicas. Foi a idéia que ele teve. Escreveu-nos e nós lhe respondemos nesse sentido. Infelizmente nossa carta não lhe chegou a tempo e dela só teve conhecimento muito mais tarde. “É lastimável”, disse-nos ele depois, “que não tenha recebido vossa carta consoladora; naquele momento ela me teria feito um imenso bem, confirmando o pensamento de que eu era joguete de uma obsessão, o que me teria tranqüilizado, pois, de tanto ouvir repetir que eu estava louco, acabei por acreditar. A idéia me torturava de tal modo que, se tivesse continuado, não sei o que teria acontecido.” Consultado a respeito, um Espírito respondeu: “Esse senhor não é louco; mas a maneira por que o tratam poderá torná-lo louco; mais ainda: poderiam matá-lo. O remédio para o seu mal está no próprio Espiritismo e o tomam em sentido contrário.” – *Pergunta*: Daqui poderíamos agir sobre ele? – *Resposta*: Sim, sem dúvida. Podeis fazer-lhe o bem, mas a vossa ação é paralisada pela má vontade dos que o cercam.

Casos análogos têm ocorrido em todas as épocas; e muitos foram encarcerados como loucos, sem o serem absolutamente.

Só um observador experimentado nestes assuntos pode apreciá-los; e como se encontram hoje muitos médicos espíritas, em casos semelhantes convém recorrer a eles. Um dia a obsessão será colocada entre as causas patológicas, como o é hoje a ação de

seres microscópicos, de cuja existência não se suspeitava antes da invenção do microscópio; mas, então, reconhecerão que nem as duchas nem as sangrias poderão curá-la. O médico que não admite e não busca senão as causas puramente materiais é tão inapto a compreender e tratar tais afecções, quanto um cego o é para discernir as cores.

O segundo caso nos é relatado por um de nossos correspondentes de Boulogne-sur-Mer:

“A mulher de um marinheiro desta cidade, de quarenta e cinco anos, está há quinze anos sob o império de uma triste subjugação. Quase todas as noites, sem mesmo excetuar as do período de gravidez, é despertada por volta da meia-noite e logo tomada de tremores nos membros, como se fossem agitados por uma pilha galvânica; o estômago fica comprimido como que por um círculo de ferro e queimado por um ferro em brasa; o cérebro num estado de exaltação furiosa; sente-se atirada fora do leito e, por vezes, sai de casa seminua a correr pelo campo; marcha sem saber por onde durante duas ou três horas e somente ao parar é que sabe onde se encontra. Não pode orar a Deus e, ao ajoelhar-se para o fazer, suas idéias sofrem a intromissão de coisas bizarras e até sujas. Não pode entrar em nenhuma igreja, embora muito deseje fazê-lo; mas ao chegar à porta, sente como uma barreira que a detém. Quatro homens tentaram fazê-la entrar na igreja dos redentoristas e não o conseguiram: ela gritava que a estavam matando, que lhe esmagavam o peito.

“Para se livrar dessa terrível situação, a pobre mulher tentou dar cabo à vida, por várias vezes, sem o conseguir. Ingeriu café no qual havia dissolvido fósforo; tomou lixívia sem nada sofrer; jogou-se duas vezes na água, mas flutuava até que alguém a socorresse. Fora dos momentos de crise de que falei, essa mulher é completamente normal e, mesmo durante os acessos, tem plena consciência do que faz e da força exterior que sobre ela atua. Toda

a vizinhança diz que ela foi alvo de um malefício ou de um sortilégio.”

A subjugação não poderia ser mais bem caracterizada a não ser pelos fenômenos que, sem sombra de dúvida, só podem ser obra de um Espírito da pior espécie. Dirão que foi o Espiritismo que o atraiu para ela ou lhe transtornou o cérebro. Mas há quinze anos não se cogitava disto. Aliás, essa mulher não é louca e o que experimenta não é uma ilusão.

A Medicina ordinária não verá nesses sintomas senão uma dessas afecções a que dá o nome de *nevrose* e cuja causa, para ela, ainda é um mistério. A afecção é real, mas a todo efeito corresponde uma causa. Ora, qual a causa primeira? Eis o problema, cuja solução pode dar o Espiritismo ao demonstrar um novo agente no perispírito e a ação do mundo invisível sobre o mundo visível. Não generalizamos absolutamente, e reconhecemos que, em certos casos, a causa pode ser puramente material; mas há outros em que a intervenção de uma inteligência oculta é evidente, porquanto, combatendo essa inteligência, detém-se o mal, ao passo que, atacando a suposta causa material, nada se produz.

Há um traço característico nos Espíritos perversos: é a sua aversão a tudo quanto se prende à religião. A maioria dos médiuns não obsedados que receberam comunicações de Espíritos maus, muitas vezes os viram blasfemar contra as coisas mais sagradas, rir-se da prece e repeli-la, chegando mesmo a irritar-se quando se lhes fala em Deus. No médium subjugado, o Espírito, dispendo de cerca de um terço do corpo para agir, exprime seus pensamentos não mais pela escrita, mas por gestos e palavras que provoca no médium. Ora, como todo fenômeno espírita não pode produzir-se sem uma aptidão mediúnica, pode dizer-se que a mulher de quem falamos é um médium espontâneo, inconsciente e involuntário. A impossibilidade em que se encontra de orar e entrar na igreja vem da repulsão do Espírito que dela se apoderou, pois

sabe que a prece é um meio de fazê-lo largar a presa. Em vez de uma pessoa, suponde, na mesma localidade, dez, vinte, trinta ou mais no mesmo estado e tereis a reprodução do que se passou em Morzine.

Dirão certas pessoas: “Não é uma prova evidente de que são demônios?” Chamemo-los demônios, se isto vos agrada: o nome não os caluniaria. Mas não vedes diariamente homens que não valem coisa melhor e que, de pleno direito, poderiam ser chamados demônios encarnados? Não há os que blasfemam e renegam a Deus? que parecem fazer o mal com prazer? que se regozijam à vista do sofrimento de seus semelhantes? Por que quereis que, uma vez no mundo dos Espíritos, eles se transformassem subitamente? Aqueles a quem chamais demônios nós chamamos Espíritos maus, e nós vós concedemos toda a perversidade que lhes queirais atribuir. Contudo, a diferença é que, em vossa opinião, os demônios são anjos decaídos, isto é, seres perfeitos que se tornaram maus e para sempre votados ao mal e ao sofrimento; em nossa opinião, são seres pertencentes à Humanidade primitiva, espécie de selvagens ainda atrasados, mas a quem o futuro não está fechado e que se melhorarão à medida que neles se desenvolver o senso moral, na série de suas existências sucessivas, o que nos parece mais conforme à lei do progresso e da justiça de Deus. Temos mais a nosso favor a experiência, que prova a possibilidade de melhorar e de levar ao arrependimento Espíritos da mais baixa categoria e aqueles que são colocados na categoria de demônios.

Vejamos uma fase especial desses Espíritos, cujo estudo é de alta importância para o assunto que nos ocupa.

Sabe-se que os Espíritos inferiores ainda se acham sob a influência da matéria e que entre eles se encontram todos os vícios e todas as paixões da Humanidade, paixões que eles carregam ao deixar a Terra e trazem de volta quando reencarnam,

caso não se tenham emendado, o que produz os homens perversos. Prova a experiência que alguns são sensuais em diversos graus, obscenos, lascivos, sentem prazer nos lugares desprezíveis, impelem e excitam à orgia e ao deboche, a cuja vista se deleitam. Perguntaremos a que categoria de Espíritos poderiam pertencer, depois da morte, seres como Tibério, Nero, Cláudio, Messalina, Calígula, Heliogábulo, etc? Que gênero de obsessão poderiam ter provocado e se é necessário, para explicar essas obsessões, recorrer a seres especiais, que Deus teria criado expressamente para impelir o homem ao mal? Há certos gêneros de obsessão que não podem deixar dúvidas quanto à qualidade dos Espíritos que os produzem. São obsessões desse gênero que deram azo à fábula dos incubos e súcubos, em que acreditava firmemente Santo Agostinho. Poderíamos citar mais de um exemplo recente em apoio dessa asserção. Quando se estudam as várias impressões corporais e os toques sensíveis por vezes produzidos por certos Espíritos; quando se conhecem os gostos e as tendências de alguns deles; e se, por outro lado, se examina o caráter de certos fenômenos históricos, a gente se pergunta se não representariam um papel nessa afecção, como representam na loucura obsessiva? Nós a vimos várias vezes, acompanhada de sintomas menos evidentes da subjugação.

Vejamos agora o que se passou em Morzine. Antes, porém, digamos algumas palavras sobre o lugar, o que não é sem importância. Morzine é uma comuna do Chablais, na Alta Sabóia, situada a oito léguas de Thonon, na extremidade do vale do Drance, nos confins do Valais, na Suíça, da qual é separada apenas por uma montanha. Sua população, de cerca de 2.500 almas, compreende, além do vilarejo principal, vários povoados espalhados nas alturas circunvizinhas. É cercada e dominada de todos os lados por altas montanhas dependentes da cadeia dos Alpes, mas na maior parte cobertas de bosques e cultivadas até alturas consideráveis. Aliás, em parte alguma se vêem neves ou gelos perpétuos e, conforme nos disseram, ali a neve é menos persistente do que no Jura.

O Dr. Constant, enviado em 1861 pelo governo francês para estudar a doença, lá ficou três meses. Ele faz da região e de seus habitantes um quadro pouco lisonjeiro. Vindo com a idéia de que o mal era puramente físico, não procurou senão causas físicas; sua preocupação o levava a demorar-se sobre aquilo que poderia corroborar sua opinião e, provavelmente, essa idéia fez com que visse os homens e as coisas sob uma luz desfavorável. Em sua opinião, a doença é uma afecção nervosa, cuja fonte primeira é a constituição dos habitantes, debilitados pela insalubridade das habitações, a insuficiência e a má qualidade dos alimentos e cuja causa imediata esta no estado histérico da maioria dos doentes do sexo feminino. Sem contestar a existência dessa afecção, é bom notar que se o mal atacou em grande parte as mulheres, os homens também foram atingidos, assim como mulheres em idade avançada. Não se poderia ver na histeria uma causa exclusiva; e, aliás, qual a causa da histeria?

Fizemos apenas uma breve visita a Morzine, mas devemos dizer que nossas observações e os informes que recolhemos junto de pessoas notáveis, de um médico da região e das autoridades locais diferem um tanto das do Dr. Constant. O vilarejo principal é geralmente bem construído; as casas dos povoados circunvizinhos certamente não são palacetes, mas não têm o aspecto miserável que se vêem em muitas regiões rurais da França, na Bretanha, por exemplo, onde o camponês mora em verdadeiras choupanas. A população não nos pareceu estiolada, nem raquítica, nem, sobretudo, atacada de papeira, como diz o Dr. Constant. Vimos alguns bócius rudimentares, mas nenhum pronunciado, como se vêem em todas as mulheres da Mauriana. Os idiotas e os cretinos ali são raros, embora o diga o Dr. Constant, ao passo que na outra vertente da montanha, no Valais, eles são muito numerosos. Quanto à alimentação, a região produz além do consumo dos habitantes; se em toda parte não há fartura, também não há miséria propriamente dita, sobretudo essa horrível miséria que encontramos em outras regiões; existem algumas em que a

população do campo é infinitamente mais mal alimentada. Um fato característico é que não vimos um único mendigo a nos estender a mão para pedir esmola. A própria região oferece importantes recursos em madeiras e pedreiras, mas que ficam improdutivas pela impossibilidade de transporte. A dificuldade de comunicações é o flagelo da região, sem o que seria uma das mais ricas da nação. Pode julgar-se de tal dificuldade pelo fato de o correio de Thonon só poder ir até duas léguas de distância dessa cidade. Adiante não há mais estrada, mas um caminho que, alternadamente, sobe a pique na floresta e desce à margem do Drance, torrente furiosa, verdadeira cascata que rola através de enormes massas de rochedos de granito, precipitados em seu leito do alto das montanhas em direção ao fundo de uma estreita garganta. Durante várias léguas é a imagem do caos. Transposta a passagem, o vale toma um aspecto risonho até Morzine, onde acaba. Mas a impossibilidade para lá chegar facilmente afasta os viajantes, de sorte que a região só é visitada por caçadores bastante fortes para escalar os rochedos. Depois da anexação os caminhos foram melhorados; antes, só eram transitados por cavalos. Dizem que o governo estuda o prolongamento da estrada de Thonon até Morzine, margeando o rio; é um trabalho difícil, mas que transformará a região, permitindo a exportação de seus produtos.

Tal é o aspecto geral da região que, aliás, não oferece nenhuma causa de insalubridade. Admitindo que o principal vilarejo de Morzine, situado no fundo do vale e à margem do rio, seja úmido – o que não observamos – devemos considerar que a maioria dos doentes pertence aos povoados circunvizinhos e, por conseguinte, em condições arejadas e muito salubres.

Se a doença se devesse a causas locais, à constituição dos habitantes, aos hábitos e gênero de vida, como pretende o Dr. Constant, essas causas permanentes deveriam produzir efeitos permanentes e o mal seria epidêmico, como as febres intermitentes de Camargue e dos pântanos Pontinos. Se o cretinismo e o bócio

são endêmicos no vale do Ródano e não no vale do Drance, que lhe é limítrofe, é que num há uma causa local permanente que não existe no outro.

Se o que se chama a possessão de Morzine é apenas temporária, é que se liga a uma causa accidental. Diz o Dr. Constant que suas observações não lhe revelaram *nenhuma causa sobrenatural*. Mas ele, que só acredita em causas materiais, estará apto a julgar efeitos que resultariam da ação de uma força extramaterial? estudou os efeitos dessa força? sabe em que consistem? por que sintomas podem ser reconhecidos? Não; e desde então se lhes afiguram diferentes do que são, crendo talvez que consistam em milagres e em aparições fantásticas. Ele viu esses sintomas e os descreveu em seu relatório, mas, não admitindo uma causa oculta, buscou alhures, no mundo material, onde não a encontrou. Os doentes se diziam atormentados por seres invisíveis; como, porém, ele não viu duendes nem diabretes, concluiu que os doentes eram loucos; e o que o confirmava nesta idéia é que aqueles por vezes diziam coisas notoriamente absurdas, mesmo aos olhos do mais firme crente nos Espíritos. Mas para ele tudo devia ser absurdo. Devia saber, como médico, que até em meio às divagações da loucura há, por vezes, revelações da verdade. Esses infelizes, diz ele, e os habitantes em geral, estão imbuídos de idéias supersticiosas. Mas que há de surpreendente numa população rural, ignorante e isolada em meio das montanhas? Que de mais natural que essa gente, terrificada pelos fenômenos, os tenha amplificado? E porque em seus relatos se misturassem fatos e apreciações ridículas, concluiu o Dr. Constant que tudo deveria ser ridículo, sem contar que aos olhos de quem quer que não admita a ação do mundo invisível, todos os efeitos resultantes dessa ação são relegados entre as crenças supersticiosas. Em favor desta última tese ele insiste muito sobre um fato, narrado pelos jornais da época, e que, talvez, se tenha inspirado nalguma imaginação assustadiça, exaltada ou doentia, segundo o qual certos enfermos subiam com a agilidade de gatos em árvores de *quarenta metros* de altura, caminhavam sobre os

galhos sem os vergar, plantavam bananeira e desciam de cabeça para baixo sem nada sofrerem. Discute longamente para provar a impossibilidade da coisa e demonstrar que, segundo a direção do raio visual, a árvore assinalada não podia ser vista das casas de onde diziam ter visto o fato. Tanto esforço era inútil, pois lá nos disseram que o fato não era verdadeiro; reduzia-se a um rapazinho que, efetivamente, subira numa árvore de porte comum, mas sem fazer nenhuma demonstração de equilíbri­smo.

Assim descreve o Dr. Constant o histórico e os efeitos da doença.

(continua no próximo número)

Sermões contra o Espiritismo

Uma carta de Lyon, datada de 7 de dezembro de 1862, contém a passagem seguinte, que uma testemunha ocular e auricular nos confirmou verbalmente:

“Tivemos aqui o bispo do Texas, na América, que pregou terça-feira passada, 2 de dezembro, às oito horas da noite, na igreja de Saint-Nizier, perante um auditório de cerca de duas mil pessoas, entre as quais se achavam numerosos espíritas. Ah! ele não parece bem instruído em nossa doutrina. Podemos julgá-lo por esta breve exposição:

“Os espíritas não admitem o inferno nem as preces nas igrejas; fecham-se em seus quartos e ali oram, sabe Deus que preces!... Só há duas categorias de Espíritos: os perfeitos e os ladrões; os assassinos e os canalhas... Venho da América, onde essas infâmias começaram. Pois bem! posso vos garantir que há dois anos ninguém mais se ocupa disso naquele país. Disseram-me que aqui, nesta cidade de Lyon, tão famosa por sua piedade, havia muitos

espíritas. Isto não pode ser; não acredito. Estou certo, caros irmãos e caras irmãs, de que entre vós não há um só médium, porque, vede, os espíritas não admitem o casamento nem o batismo, e todos os espíritas estão separados de suas esposas, etc., etc.”

Estas poucas frases podem dar uma idéia do resto. Que teria dito o orador se soubesse que cerca de um quarto de seus ouvintes era composto de espíritas? Quanto à sua eloqüência, só posso dizer uma coisa: é que em certos momentos parecia um frenesi; parecia perder o fio das idéias e não sabia o que queria dizer; se não temesse servir-me de um termo irreverente, diria que ele patinhava. Creio vivamente que fosse impelido por alguns Espíritos a dizer tais absurdos e de tal maneira que, eu vos garanto, ninguém se daria conta de estar num lugar santo; todos riam. Alguns de seus partidários saíram na frente, para julgar o efeito que o sermão havia produzido, mas não devem ter ficado muito satisfeitos, porquanto, uma vez lá fora, cada um ria e dizia o que pensava. Vários de seus amigos deploravam os desvios a que ele se entregara, compreendendo que o objetivo falhara completamente. Com efeito, não poderia ter agido melhor para recrutar adeptos e foi o que aconteceu imediatamente. Uma senhora, que se achava ao lado de uma boníssima espírita, de meu conhecimento, disse-lhe: “Mas o que são esse Espiritismo e esses médiuns de quem se fala tanto e contra os quais esses senhores estão tão furiosos?” Quando a coisa lhe foi explicada ela disse: “Oh! ao chegar em casa vou adquirir livros e tentar escrever.”

Posso assegurar-vos que se os espíritas são tão numerosos em Lyon é graças a alguns sermões desse gênero. Lembrai-vos de que há três anos, quando aqui não se contavam senão algumas centenas de espíritas, eu vos escrevi por causa de uma pregação furibunda contra a doutrina e que produziu excelente efeito: “Mais alguns sermões como este e em um ano decuplicará o número de adeptos.” Pois bem! hoje está centuplicado, graças, também, aos ignóbeis e mentirosos ataques de

alguns órgãos da imprensa. Todo mundo, até o simples operário que, sob suas vestes grosseiras, tem mais bom-senso do que se crê, diz que não se ataca com tanto furor uma coisa que não vale a pena, razão por que quiseram ver por si mesmos. Ao reconhecerem a falsidade de certas afirmações, que denotavam ignorância ou malevolência, a crítica perdeu todo crédito e, em vez de afastar do Espiritismo, conquistou-lhe partidários. Esperamos que se dê o mesmo com o sermão do monsenhor do Texas, cuja maior inabilidade foi dizer que “todos os espíritas estão separados de suas esposas”, quando temos aqui, sob os nossos olhos, numerosos exemplos de casais outrora separados e que o Espiritismo restaurou a união e a concórdia. Cada um se diz, naturalmente, que desde que os adversários do Espiritismo lhe atribuem ensinamentos e resultados cuja falsidade é demonstrada pelos fatos e pela leitura de livros, que mostram exatamente o contrário, nada prova a veracidade das outras críticas. Creio que se os espíritas lioneses não temessem faltar com o respeito ao bispo do Texas, ter-lhe-iam votado uma carta de agradecimentos. Mas o Espiritismo nos torna caridosos, mesmo para com os inimigos.”

Uma outra carta, de testemunha ocular, contém a seguinte passagem:

“O orador de Saint-Nizier partiu do princípio de que o Espiritismo já fez sua época nos Estados Unidos e que dele não se falava há dois anos. Era, pois, em sua opinião, uma questão de moda. Eram fenômenos sem consistência e não valiam a pena que fossem estudados; ele tinha procurado ver e nada vira. Todavia, assinalava a nova doutrina como atentatória aos laços de família, à propriedade, à constituição da sociedade e a denunciava como tal às autoridades competentes.

“Os adversários esperavam um efeito mais surpreendente, e não uma simples negação, enunciada de maneira tão ridícula, pois não ignoram o que se passa na cidade, a marcha

do progresso e a natureza das manifestações. O assunto voltou a ser ventilado no domingo, 14, em Saint-Jean, desta vez tratado um pouco melhor.

“O orador de Saint-Nizier tinha negado os fenômenos; o de Saint-Jean reconheceu-os e afirmou: ‘Ouvem-se batidas nas paredes; no ar, vozes misteriosas; trata-se realmente de Espíritos, mas, que Espíritos? Não podem ser bons, pois os bons são dóceis e submissos às ordens de Deus, que proibiu a evocação dos Espíritos. Portanto, os que vêm só podem ser maus.’

“Havia cerca de três mil pessoas na igreja de Saint-Jean; entre estas, pelo menos trezentas irão querer saber mais.

“O que certamente contribuirá para fazer refletirem as criaturas honestas ou inteligentes que compunham o auditório, são as singulares afirmações do orador – digo singulares por polidez. Disse ele: ‘O Espiritismo vem *destruir a família, aviltar a mulher, pregar o suicídio, o adultério e o aborto, preconizar o comunismo, dissolver a sociedade.*’ Depois convidou os paroquianos, que acaso tivessem livros espíritas, que os trouxessem a certos senhores, que os queimariam, como São Paulo havia feito em Éfeso com obras heréticas.

“Não sei se aqueles senhores encontraram muitas pessoas bastante zelosas para irem, com dinheiro na mão, despojar nossas livrarias. Alguns espíritas estavam furiosos; a maioria se regozijava, por compreender que era um grande dia.

“Assim, do alto da segunda cátedra da França, acabam de proclamar que os fenômenos espíritas são verdadeiros. Toda questão, pois, se reduz em saber se são Espíritos bons ou maus e se só aos maus Deus permite que venham.”

O orador de Saint-Jean afirma que só podem ser os maus. Eis um outro que pouco modificou a solução. Escrevem-nos

de Angoulême que quinta-feira, 5 de dezembro último, um pregador assim se exprimia em seu sermão: “Nós *todos* sabíamos que se podiam evocar os Espíritos, e isto há muito tempo; mas *só* a Igreja deve fazê-lo. Não é permitido aos outros homens tentar corresponder-se com eles por meios físicos; para mim é uma heresia.” O efeito produzido foi o contrário do que se esperava.

É, pois, evidente que os bons e os maus podem comunicar-se, porque se somente os maus tivessem tal poder, seria improvável que a Igreja se reservasse o privilégio de os chamar.

Duvidamos que dois sermões, pregados em outubro último, em Bordeaux, tenham servido melhor à causa dos nossos antagonistas. Eis a sua análise, feita por um ouvinte; os espíritas poderão ver se, sob esse disfarce, reconhecem sua doutrina e se os argumentos que lhes opõem são capazes de lhes abalar a fé. Quanto a nós, repetimos o que já temos dito alhures: Enquanto não atacarem o Espiritismo com melhores armas, ele nada deverá temer.

“Lamentarei sempre” – diz o narrador – “não ter ouvido o primeiro sermão, na capela Margaux, em 15 de outubro último, se estou bem informado. Conforme me contaram testemunhas dignas de fé, a tese desenvolvida foi esta:

“Os Espíritos podem comunicar-se com os homens. Os bons só se comunicam na Igreja. Todos quantos se manifestam fora da Igreja são maus, porque fora da Igreja não há salvação. – Os médiuns são infelizes, fizeram pacto com o diabo e dele obtêm, ao preço de sua alma, que lhe venderam, manifestações de toda sorte, ainda que extraordinárias, para não dizer miraculosas.” Passo em silêncio outras citações ainda mais estranhas; como eu mesmo não as ouvi, receio que tenham exagerado.

“No domingo seguinte, 19 de outubro, tive a felicidade de assistir ao segundo sermão. Informei-me quanto ao nome do

pregador e me disseram que era o Padre Lapeyre, da Companhia de Jesus.

“O Padre Lapeyre faz a crítica de *O Livro dos Espíritos* e, por certo, era preciso enorme dose de boa vontade para reconhecer essa obra admirável nas teorias desprovidas de bom-senso que o pregador pretendia ter achado. Limitar-me-ei a assinalar os pontos que mais me surpreenderam, preferindo ficar aquém da verdade a atribuir ao nosso adversário o que ele não teria dito ou eu teria compreendido mal.

“Segundo o Padre Lapeyre, ‘*O Livro dos Espíritos* prega o comunismo, a partilha dos bens, o divórcio, a igualdade entre todos os homens e, sobretudo, entre o homem e a mulher, a igualdade entre o homem e seu Deus, porque o homem, levado pelo orgulho que perdeu os anjos, não aspira a nada menos que se tornar semelhante a Jesus-Cristo; ele arrasta os homens ao *materialismo* e aos prazeres sensuais, pois o trabalho de aperfeiçoamento pode fazer-se sem o concurso de Deus, mau grado seu, por efeito desta força que quer que tudo se aperfeiçoe gradualmente; preconiza a metempsicose, essa loucura dos Antigos, etc.’

“Passando em seguida à rapidez com se propagam as idéias novas, constata com horror quão astuto e habilidoso é o diabo que as ditou; quanto soube adorná-la com arte, de modo a fazê-las vibrar com força nos corações pervertidos dos filhos deste século de incredulidade e heresias. ‘Este século’, exclama ele, ‘ama tanto a liberdade! e vêm lhe oferecer o livre-exame, o livre-arbítrio, a liberdade de consciência! Este século ama tanto a igualdade! e lhe mostram o homem à altura de Deus! Ama tanto a luz! e de uma penada rasga-se o véu que ocultava os santos mistérios!’

“Depois ele atacou a questão das penas eternas e, sobre o assunto, palpitante de emoções, teve magníficos arroubos de oratória: ‘Acreditaríeis, meus caros irmãos, até onde chegou a

imprudência desses filósofos novos, que pensam fazer desmorronar, ao peso dos sofismas, a santa religião do Cristo! Ah! os infelizes! dizem que não há inferno! dizem que não há purgatório! Para eles, nada de *relações benditas que ligam os vivos às almas daqueles que perderam!* Nada de sacrifício da missa! E por que o celebrariam? essas almas não se purificarão por si mesmas e sem nenhum trabalho, pela eficácia dessa força irresistível que incessantemente os atrai para a perfeição?

“E sabeis quais as autoridades que vêm proclamar essas doutrinas ímpias, marcadas na fronte pelo sinal indestrutível desse inferno que queriam aniquilar? Ah! meus irmãos, são as mais sólidas colunas da Igreja: São Paulo, Santo Agostinho, São Luís, São Vicente de Paulo, Bossuet, Fénelon, *Lamennais*, e todos esses homens de escol, santos homens que, durante a vida, lutaram pelo estabelecimento das verdades inquebrantáveis, sobre as quais a Igreja estabeleceu os seus fundamentos, e que hoje vêm declarar que seu Espírito, desprendido da matéria, mais clarividente, percebeu que suas opiniões estavam erradas e que é exatamente o contrário que se deve crer.

“Depois o pregador passou à questão que o autor da *Carta de um católico* dirige a um Espírito para saber se, praticando o Espiritismo, ele é herético. E acrescenta:

“Eis a resposta, meus irmãos; ela é curiosa, e o que a torna ainda mais singular, o que nos mostra de maneira mais evidente que o diabo, apesar de sua astúcia e habilidade, sempre se deixa trair, é o nome do Espírito que deu esta resposta. Eu vo-lo direi daqui a pouco.

“Segue a citação dessa resposta, que termina assim: ‘Estás de acordo com a Igreja em todas as verdades que te fortalecem no bem, que aumentam em tua alma o amor de Deus e o devotamento aos teus irmãos? Sim; pois bem: tu és católico.’

Depois acrescenta: ‘Assinado... Zenon!... Zenon! um filósofo grego, um pagão, um idólatra que, do fundo do inferno onde se queima há vinte séculos, vem nos dizer que se pode ser católico e não acreditar neste inferno que o tortura e que aguarda a todos quantos, como ele, não morrerem humildes e submissos no seio da santa Igreja... Mas, insensatos e cegos que sois! com toda a vossa filosofia, não tereis senão esta prova, esta única prova que a doutrina que proclamais emana do demônio, que será mil vezes suficiente!’

“Depois de longas considerações sobre esta questão e sobre o privilégio exclusivo que tem a Igreja de expulsar os demônios, acrescenta:

“Pobres insensatos, que vos divertis em falar com os Espíritos e pretendes exercer sobre eles alguma influência! Não temeis que, como aquele de que fala São Lucas, esses Espíritos batedores e espalhafatosos – e eles são bem classificados, meus caros irmãos – não vos perguntem também: E vós, quem sois? Quem sois para virdes nos perturbar? Credes que nos submeteréis impunemente aos vossos caprichos sacrílegos? e que, tomando as cadeiras e as mesas que fazeis girar, eles não se apoderem de vós, como se apoderaram do filho de Sceva e não vos maltratem a tal ponto que sejais forçados a fugir, nus e feridos, reconhecendo, mas tarde demais, toda a abominação que há em brincar com os mortos?

“Diante desses fatos tão patentes e que falam tão alto, que nos resta fazer? Que temos a dizer? Ah! meus caros irmãos! guardai-vos cuidadosamente do contágio. Resisti com horror a todas as tentativas que os maus não deixarão de fazer para vos arrastar com eles ao abismo! Mas, ah! já é muito tarde para fazer tais recomendações; o mal já fez rápidos progressos. Esses livros *infames*, ditados pelo príncipe das trevas, a fim de atrair para o seu reino uma multidão de pobres ignorantes, de tal modo se

espalharam que, como outrora em Éfeso, caso se computasse o preço dos que circulam em Bordeaux, tenho certeza de que ultrapassaria a enorme soma de cinqüenta mil denários de prata (170.000 francos em nossa moeda; chamada de uma citação feita em outra parte do sermão). E eu não me surpreenderia se, entre os numerosos fiéis que me ouvem, não houvesse alguns que já foram arrastados à sua leitura. A estes só podemos dizer isto: Depressa! aproximai-vos do tribunal da penitência; depressa! vinde abrir os corações aos vossos guias espirituais. Cheios de doçura e bondade, e seguindo em todos os pontos o magnífico exemplo de São Paulo, apressamo-nos a vos dar a absolvição. Mas, como ele, não vo-la daremos senão com a condição expressa de nos trazerdes esses livros de magia que quase vos perderam. E que faremos desses livros, caros irmãos? sim, o que faremos com eles? Como São Paulo, faremos uma grande pilha em praça pública e nós mesmos atearemos o fogo.”

Faremos apenas uma ligeira observação sobre esse sermão: é que o autor se engana de data e, talvez, novo Epimênides, dormiu desde o século quatorze. Outro fato que se destaca é a constatação do rápido desenvolvimento do Espiritismo. Os adversários de uma outra escola também o comprovam, desesperados, tão grande é o amor pela razão humana. Lê-se no *Moniteur de la Moselle*, de 7 de novembro de 1862: “O Espiritismo faz perigoso progresso. Invade a alta, a média e a baixa sociedade. *Magistrados, médicos, pessoas sérias* também se entregam a esse equívoco.” Achamos essa asserção repetida na maior parte das críticas atuais; é que em presença de um fato tão patente, era preciso vir dos confins do Texas para avançar num auditório onde se acham mais de mil espíritas, que há dois anos disso não mais se ocupam. Então, por que tanta cólera se o Espiritismo está morto e enterrado? Pelo menos o Padre Lapeyre não tem ilusões. Seu temor até exagera a extensão do pretenso mal, pois avalia numa cifra fabulosa o valor dos livros espíritas espalhados apenas em Bordeaux. Em todo o caso, é reconhecer uma idéia muito

poderosa. Seja como for, em presença de todas essas afirmações, ninguém nos tachará de exagero quando falarmos dos rápidos progressos da doutrina. Que uns os atribuam ao poder do diabo, lutando vantajosamente contra Deus; os outros, a um acesso de loucura que invade todas as classes da sociedade, o círculo das pessoas sensatas vai se estreitando cada vez mais, de tal sorte que em breve não mais haverá lugar senão para alguns indivíduos; que uns e outros deplorem este estado de coisas, cada um do seu ponto de vista e se perguntem: “Aonde vamos, grande Deus?”, é um direito que lhes assiste. Disso resulta mais o fato que o Espiritismo vence todas as barreiras que lhe opõem. Portanto, se é uma loucura, em breve só haverá loucos na Terra. É conhecido o provérbio. Se é obra do diabo, logo só haverá danados; e se os que falam em nome de Deus não o podem deter, é que o diabo é mais forte que Deus. Os espíritas são mais respeitosos para com a divindade; não admitem que haja um ser capaz de lutar com ela de poder para poder e, sobretudo, vencê-la. De outro modo os papéis estariam invertidos e o diabo se tornaria o verdadeiro senhor do Universo. Dizem os espíritas que sendo Deus soberano absoluto, nada acontece no mundo sem a sua permissão. Assim, se o Espiritismo se espalha com a rapidez do relâmpago, façam o que fizerem para detê-lo, há que ver nele um efeito da vontade de Deus. Ora, sendo Deus soberanamente justo e bom, não pode querer a perda de suas criaturas, nem deixá-las cair em tentação, certo de que, em virtude de sua presciência, sucumbirão e serão precipitadas nos tormentos eternos. Hoje, o dilema está posto; está submetido à consciência de todos; o futuro se encarregará da conclusão.

Se fazemos estas citações é para mostrar a que argumentos estão reduzidos os adversários do Espiritismo para o atacar. Com efeito, é preciso estar privado de boas razões para recorrer à calúnia, como a que o representa pregando a desunião das famílias, o adultério, o aborto, o comunismo, a subversão da ordem social. Temos necessidade de refutar semelhantes asserções? Não; basta remeter ao estudo da doutrina, à leitura do que ela ensina, que é o que se faz em toda parte. Quem poderá acreditar

que pregamos o comunismo depois das instruções que demos a respeito no discurso publicado *in extenso* no relatório de nossa viagem em 1862? Quem poderá ver nas palavras seguintes uma excitação à anarquia, encontradas na mesma brochura, página 58: “Em todo o caso, os espíritas devem ser os primeiros a dar exemplo de submissão às leis, caso a isso sejam convocados.”

Avançar tais coisas numa região distante, onde o Espiritismo fosse desconhecido, ou onde não houvesse nenhum meio de controle, poderia produzir algum efeito. Mas afirmá-las do alto da cátedra da verdade, em meio a uma população espírita, que aí dá incessantemente um desmentido pelos seus ensinamentos e seu exemplo, é falta de habilidade e não se pode deixar de dizer que é necessário estar tomado por singular vertigem para iludir-se a tal ponto e não compreender que, assim falando, se presta serviço à causa do Espiritismo.

Entretanto, seria erro acreditar seja esta a opinião de todos os membros do clero. Ao contrário, muitos há que não a compartilham e conhecemos bom número que deplora tais desvios, mais prejudiciais à religião que à Doutrina Espírita. São, pois, opiniões individuais, que não podem fazer lei. E o que prova que são apreciações pessoais é a contradição que existe entre elas. Assim, enquanto um declara que todos os Espíritos que se manifestam são necessariamente maus, pois desobedecem a Deus, comunicando-se, outro reconhece que há bons e maus, mas que só os bons vão à Igreja, e os maus, ao vulgo. Um acusa o Espiritismo de aviltar a mulher; outro o censura por elevá-la ao nível dos direitos do homem. Um pretende que “arrasta os homens ao materialismo e aos prazeres sensuais”, e um outro, o Sr. cura Marouzeau, reconhece que destrói o materialismo.

Em sua brochura assim se exprime o abade Marouzeau:

“Na verdade, a dar ouvidos aos partidários das comunicações de além-túmulo, seria preconceito do clero combater

o Espiritismo *a qualquer preço*. Por que supor que os padres tenham tão pouca inteligência e bom-senso e uma mente estúpida? Por que acreditar que a Igreja, que em todos os tempos deu tantas provas de prudência, sabedoria e alta inteligência para discernir o verdadeiro do falso, seja hoje incapaz de compreender o interesse de seus filhos? Por que condená-la sem a ouvir? Se ela recusa reconhecer a vossa bandeira, é que esta não é a dela; tem cores que lhe são essencialmente hostis; *é que, ao lado do bem que fazéis, combatendo o horrendo materialismo*, ela vê um perigo real para as almas e a sociedade.” E mais adiante: “Concluamos de tudo isto que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo e a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio de manifestações de além-túmulo bem constatadas.”

De tudo isto resulta um fato capital: é que todos esses senhores estão de acordo sobre *a realidade das manifestações*; apenas cada um as aprecia a seu modo. Negá-las, com efeito, seria negar a verdade das Escrituras e os próprios fatos sobre os quais se apóia a maioria dos dogmas. Quanto à maneira de encarar a coisa, desde já é possível constatar em que sentido se faz a unidade e se pronuncia a opinião pública, que também tem o seu *veto*. Ressalta ainda outro fato: é que a Doutrina Espírita agita profundamente as massas; enquanto uns nela vêem um fantasma terrível, outros enxergam o anjo da consolação e da libertação e uma nova era de progresso moral para a Humanidade.

Já que citamos a brochura do abade Marouzeau, talvez perguntem por que ainda não a respondemos, uma vez que nos foi dirigida pessoalmente. Os motivos podem ser vistos no nosso relatório de viagem, a propósito das refutações. Quando tratamos de uma questão, fazemo-lo do ponto de vista geral, abstraindo das pessoas que, aos nossos olhos, não passam de individualidades que se apagam diante das questões de princípio. Oportunamente falaremos do Sr. Marouzeau, assim como de alguns outros, quando examinarmos o conjunto das objeções. Para isto era útil esperar que

cada um se tivesse manifestado, com maior ou menor competência – e vimos acima alguns bem competentes – para apreciar a força da oposição. Respostas especiais e individuais teriam sido prematuras e incessantemente repetidas. A brochura do Sr. Marouzeau era um tiro de fuzil. Pedimos-lhe desculpas por colocá-lo na classe dos simples atiradores; mas sua modéstia cristã não ficará ofendida. Previendo esse levante, pareceu-nos conveniente deixar que descarregassem todas as armas, mesmo a artilharia pesada que, como se vê, acaba de ser dada, a fim de julgar do seu alcance. Ora, até o momento não temos por que lamentar as baixas que ela fez em nossas fileiras, porquanto, ao contrário, seus tiros ricochetearam contra ela. Por outro lado, não era menos útil deixar desenhar-se a situação, e não de convir que, de dois anos para cá o estado das coisas, longe de piorar, diariamente nos traz novas forças. Responderemos, pois, quando julgarmos oportuno. Até agora não houve tempo perdido; sem isso temos ganhado terreno incessantemente e os próprios adversários se encarregam de tornar mais fácil a nossa tarefa. Devemos somente deixá-los agir.

A Loucura Espírita

RESPOSTA AO SR. BURLET, DE LYON

O folhetim da *Presse* de 8 de janeiro de 1863 estampa o artigo seguinte, extraído do *Salut public de Lyon*, e que a *Gironde* de Bordeaux apressou-se em reproduzir, acreditando tirar sorte grande contra o Espiritismo:

CIÊNCIAS⁴

“O Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, leu recentemente na Sociedade de Ciências Médicas desta cidade um interessante trabalho sobre o Espiritismo, considerado como causa de alienação mental. Em face da epidemia que se abate no momento sobre a sociedade francesa, certamente não será

4 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 521.

desprovido de utilidade assinalar os fatos contidos na memória do Sr. Burlet.

“O autor descreve com cuidado seis casos de loucura, dita aguda, observados por ele mesmo no hospital de Antiquaille, nos quais se segue, sem qualquer dificuldade, a relação direta entre a alienação mental e as práticas espíritas. Diz ele que há pouco tempo o Dr. Carrier teve, por sua vez, ocasião de tratar e ver curadas, em seu serviço, três mulheres que o Espiritismo havia tornado loucas. Aliás, não há um só médico, cuidando especialmente de alienação mental, que não tenha observado, em maior ou menor número de casos análogos, sem falar, é claro, *das perturbações intelectuais ou afetivas que, sem chegar até o ponto a que se convencionou chamar de loucura, não deixam de alterar a razão e tornar desagradável e bizarro o comportamento daqueles que as apresentam.* Esta influência da *pretensa* doutrina espírita está hoje bem demonstrada pela Ciência. As observações que o estabelecem se contariam aos milhares. Diz o Sr. Burlet: ‘Se nas outras partes da França os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns forem tão freqüentes quanto no Departamento que habitamos – e não há razão para que assim não seja – parece-nos fora de dúvida que o Espiritismo pode tomar lugar na fileira das causas mais fecundas de alienação mental.’ Terminando, o autor exorta os pais e mães de família, os chefes de oficinas, etc. a velarem para que seus filhos e empregados jamais compareçam ‘a essas reuniões espíritas chamadas grupos, nas quais o perigo para a razão certamente não é o único a temer.’

“É, pois, de incontestável utilidade dar publicidade aos fatos deste gênero, colhidos conscienciosamente, como os do interno dos hospitais de Lyon. Não que haja a menor chance para agir sobre os indivíduos já afetados pela epidemia; o caráter de sua loucura é precisamente a forte convicção de serem os únicos a deterem a posse da verdade. Em sua humildade, julgam-se com o dom de comunicar-se com os Espíritos e tratam de orgulhosa a

ciência que ousa duvidar de seu poder. Vítimas da alucinação que os domina, admitida a premissa, raciocinam a seguir com uma *lógica irrepreensível*, que não faz senão fortalecê-los em sua aberração. Mas podemos guardar a esperança de agir sobre as inteligências ainda sãs, que fossem tentadas a se exporem às seduções do Espiritismo, assinalando-lhes o perigo e assim as garantir contra esse perigo. É bom saber que as práticas espíritas e a convivência com os médiuns, que são verdadeiros alucinados, é necessariamente prejudicial para a razão; só os caracteres fortemente temperados podem resistir. Os outros aí sempre deixam uma parte, maior ou menor, do seu bom-senso.”

A. Sanson

Este artigo pode fazer concorrência com os sermões relatados no artigo precedente. Nele se pode ver, se não uma concordância de origem, ao menos idêntica intenção: a de levantar a opinião contra o Espiritismo, por meios onde se manifesta a mesma boa-fé ou a mesma ignorância das coisas. Notai a gradação seguida pelos ataques, desde o famoso e desastrado artigo da *Gazette de Lyon* (Vide *Revista Espírita* do mês de outubro de 1860). Então não passava de um gracejo vulgar, onde os operários daquela cidade eram humilhados, ridicularizados, e sua profissão menosprezada. Não era, com efeito, notável falta de habilidade lançar o desprezo sobre trabalhadores e os instrumentos que fazem a prosperidade de uma cidade como Lyon? A partir de então a agressão tomou outro caráter: vendo a impotência do ridículo e não podendo deixar de constatar o terreno ganho diariamente pelas idéias espíritas, ela o toma num tom mais lamentável. É em nome da Humanidade, *em face da epidemia que se abate no momento sobre a sociedade francesa*, que vem assinalar os perigos dessa *pretensa doutrina que torna desagradável e bizarro o comportamento daqueles que a professam*. Cumprimento pouco lisonjeiro para as senhoras de todas as classes, mesmo para as princesas, que crêem nos Espíritos. No entanto, parece-nos que as pessoas violentas e irascíveis,

tornadas mansas e boas pelo Espiritismo, não dão prova de um caráter muito mau e são menos desagradáveis do que antes, e que entre os não espíritas só se encontra gente amável e benevolente. Embora se vejam numerosas famílias onde o Espiritismo restabeleceu a paz e a união, é em nome de seu interesse que se intimam os operários a não comparecerem a “essas reuniões chamadas grupos, onde podem perder a razão e muitas outras coisas”, sem dúvida achando que a conservariam melhor indo ao cabaré do que ficando em casa.

Não surtindo efeito a zombaria, eis que agora os adversários chamam a Ciência em seu auxílio. Não mais a ciência trocista, representada pelo músculo estalante do Sr. Jobert, de Lamballe (Vide *Revista Espírita* de junho de 1859), mas a ciência séria, condenando o Espiritismo tão gravemente quanto outrora condenou a aplicação do vapor à marinha, e tantas outras utopias que, mais tarde, tiveram a fraqueza de tomar como verdades. E qual é o seu representante nesta grave questão? O Instituto de França? Não; é o Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, isto é, estudante de Medicina, que faz suas primeiras armas lançando uma memória contra o Espiritismo. Ele falou e, por causa dele e do Sr. Sanson (da *Presse*), a Ciência deu a sua sentença, sentença que provavelmente não será inapelável, como a dos doutores que condenaram a teoria de Harvey sobre a circulação do sangue, lançando sobre seu autor “libelos e diatribes mais ou menos virulentos e grosseiros.” (*Dicionário das Origens.*) Seja dito, entre parênteses: um trabalho curioso a fazer seria uma monografia dos erros dos cientistas.

Diz o Sr. Burlet ter observado seis casos de loucura aguda produzida pelo Espiritismo. Mas como é pouco para uma população de 300.000 almas, das quais pelo menos a décima parte é espírita, tem ele o cuidado de acrescentar “que se contariam por milhares se, nas outras partes da França, os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns fossem tão

freqüentes quanto no Departamento que habitamos, e não há razão para que assim não seja.”

Como se vê, vai-se muito longe com o sistema de suposições. Pois bem! vamos mais longe que ele, e diremos, não por hipótese, mas por afirmação, que, num tempo dado, só se encontrarão loucos entre os espíritas. Efetivamente, a loucura é uma das enfermidades da espécie humana. Mil causas acidentais podem produzi-la e a prova é que havia loucos antes que se cogitasse de Espiritismo, e nem todos os loucos são espíritas. O Sr. Burlet há de convir conosco sobre este ponto. Em todos os tempos houve loucos e os haverá sempre. Assim, se todos os habitantes de Lyon fossem espíritas, só se encontrariam loucos entre os espíritas, absolutamente como numa região inteiramente católica só haverá loucos entre os católicos. Observando a marcha da doutrina de alguns anos para cá, poderíamos, até certo ponto, prever o tempo necessário para isto. Mas não falemos senão do presente.

Os loucos falam do que os preocupa. É bem certo que aquele que jamais tivesse ouvido falar de Espiritismo, dele não falaria, ao passo que, em caso contrário, dele falará como falaria de religião, de amor, etc. Seja qual for a causa da loucura, o número de loucos falando de Espíritos aumentará naturalmente com o número de adeptos. A questão é saber se o Espiritismo é uma causa eficiente de loucura. O Sr. Burlet o afirma do alto de sua autoridade de interno, dizendo que “esta influência é hoje bem demonstrada pela Ciência.” Daí, exaltado, faz apelo aos rigores da autoridade, como se uma autoridade qualquer pudesse impedir o curso de uma idéia, e sem pensar que as idéias somente são propagadas sob o império da perseguição. Toma sua opinião e a de alguns homens que pensam como ele por decretos da Ciência? Parece ignorar que o Espiritismo conta em suas fileiras grande número de médicos distintos, que muitos grupos e sociedades são presididos por médicos que, também eles, são homens de ciência, e que chegam a conclusões inteiramente contrárias às suas. Quem, pois, tem razão?

ele ou os outros? Neste conflito entre a afirmação e a negação, quem dará a última palavra? O tempo, a opinião, a consciência da maioria e a própria Ciência que se renderá à evidência, como já o fez em outras circunstâncias.

Diremos ao Sr. Burlet: É contra os mais elementares preceitos da lógica deduzir uma consequência geral de alguns fatos isolados, a que outros fatos podem dar um desmentido. Para apoiar vossa tese, seria preciso um outro trabalho, diferente do que fizestes. Dissestes haver observado seis casos; creio em vossa palavra. Mas, que é que isto prova? Tivésseis observado o dobro ou o triplo e não provaríeis mais, considerando-se que o total de loucos não ultrapassou a média. Suponhamos a média de 1000, para nos servirmos de um número redondo. Sendo sempre as mesmas as causas habituais da loucura, se o Espiritismo a pode provocar, é uma causa a mais a juntar às outras e que deve aumentar a cifra da média. Se, desde a introdução das idéias espíritas, de 1000 essa média tivesse alcançado 1200, por exemplo, e a diferença fosse precisamente a dos casos de loucura espírita, a questão mudaria de figura. Mas enquanto não for provado que, sob a influência do Espiritismo, a média dos alienados aumentou, a amostragem de alguns casos isolados nada prova, a não ser a intenção de lançar descrédito sobre as idéias espíritas e de intimidar a opinião.

No estado atual das coisas, resta mesmo conhecer o valor dos casos isolados que se põem à frente, e saber se todo alienado que fala dos Espíritos deve sua loucura ao Espiritismo; mas, para isso, seria necessário um juiz imparcial e desinteressado. Suponhamos que o Sr. Burlet fique louco, o que lhe pode acontecer, como a qualquer outro; quem sabe? antes mesmo que a um outro, talvez. Haveria algo de admirável que, preocupado com a idéia que combateu, dela falasse em sua demência? Deveria daí concluir-se que foi a crença nos Espíritos que o enlouqueceu? Poderíamos citar vários casos, dos quais faz-se muito ruído e nos quais ficou provado que os indivíduos se tinham ocupado pouco

ou nada com o Espiritismo, ou tinham tido ataques de loucura bem característicos muito anteriores. A isto devem juntar-se os casos de obsessão e subjugação, que se confundem com a loucura e são tratados como tal, com grande prejuízo da saúde das pessoas afetadas, como explicamos em nossos artigos sobre Morzine. À primeira vista, são os únicos que poderiam ser atribuídos ao Espiritismo, não obstante esteja provado que se encontram em grande número de indivíduos que a ele são os mais estranhos e que, pela ignorância da causa, são tratados erroneamente.

É realmente curioso ver certos adversários que não crêem nos Espíritos nem em suas manifestações, pretendendo seja o Espiritismo uma causa de loucura. Se os Espíritos não existissem ou se não podem comunicar-se com os homens, todas essas crenças são quimeras, que nada têm de real. Perguntamos, então, como pode o nada produzir alguma coisa? É a idéia, dirão eles; esta idéia é falsa. Ora, todo homem que professa uma idéia falsa desarrazoa. Que idéia é esta tão funesta à razão? Ei-la: *Temos uma alma que vive depois da morte do corpo. Esta alma conserva suas afeições da vida terrestre e pode comunicar-se com os vivos.* Segundo eles, é mais salutar acreditar no nada depois da morte; ou, então – o que dá no mesmo – que a alma, perdendo sua individualidade, se confunde no todo universal, como as gotas de água no oceano. De fato, com esta última idéia não há mais necessidade de nos inquietarmos com a sorte do próximo e que só temos que pensar em nós, bem beber, bem comer nesta vida, tudo em proveito do egoísmo. Se a crença contrária é uma causa de loucura, por que há tantos loucos entre gente que em nada crê? Direis que esta causa não é a única. De acordo. Mas, então, por que queríeis que essas causas não pudessem ferir um espírita como a qualquer outro? E por que pretendíeis responsabilizar o Espiritismo por uma febre alta ou uma insolação? Instigais a autoridade para combater as idéias espíritas porque, em vossa opinião, elas perturbam o cérebro. Mas por que também não exigis a vigilância da autoridade contra as outras causas? Na vossa solicitude pela razão humana, da qual vos imaginais o modelo, fizestes

a relação dos inumeráveis casos de loucura produzidos pelo desespero do amor? Por que não incitais a autoridade para proscrever o sentimento amoroso? Está comprovado que todas as revoluções são marcadas por uma notável recrudescência nas afecções mentais. Eis aí uma causa eficiente bem manifesta, pois aumenta a cifra da média. Por que não aconselhais o governo a interditar as revoluções como coisa prejudicial? Já que o Sr. Burlet fez o relato *enorme* de seis casos de loucura dita espírita, numa população de 300.000 almas, aconselhamos os médicos espíritas a fazerem uso de todos os casos de loucura, de epilepsia e outras afecções causadas pelo temor do diabo, o terrível quadro das torturas eternas do inferno e o ascetismo das reclusões monásticas.

Longe de admitir o Espiritismo como causa do aumento da loucura, dizemos que é causa atenuante, que deve diminuir o número dos casos produzidos pelas causas ordinárias. Com efeito, entre estas causas, é preciso colocar em primeira linha os pesares de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes da fortuna, as ambições não concretizadas. O efeito destas causas está na razão da impressionabilidade do indivíduo. Se tivéssemos um meio de atenuar essa impressionabilidade, este seria, incontestavelmente, o melhor preservativo. Pois bem! este meio está no Espiritismo, que amortece o contragolpe moral, que faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Um que se teria suicidado por um revés, haure na crença espírita uma força moral que o leva a suportar o mal com paciência; não só não se matará, mas, em presença da maior adversidade, conservará fria a razão, porque tem uma fé inalterável no futuro. Dar-lhes-eis essa calma com a perspectiva do nada? Não, pois ele não entrevê nenhuma compensação e, se não tiver o que comer, poderá comer-vos. A fome é terrível conselheira para quem acredita que tudo se acaba com a vida. Pois bem! o Espiritismo faz suportar até a fome, porque faz ver, compreender e esperar a vida que se segue à morte do corpo. Eis a sua loucura.

A maneira pela qual o verdadeiro espírita encara as coisas deste mundo e do outro, leva-o a dominar em si as mais violentas paixões, mesmo a cólera e a vingança. Depois do artigo injurioso da *Gazette de Lyon*, que relembramos mais acima, um grupo de cerca de uma dúzia de operários nos disse: “Se não fôssemos espíritas iríamos dar uma surra no autor, para lhe ensinar a viver e, se estivessemos em revolução, incendiariamos as dependências de seu jornal. Mas somos espíritas; nós o lastimamos e pedimos a Deus que o perdoe.” Que dizeis desta loucura, Sr. Burlet? Em caso semelhante, o que teríeis preferido: tratar com loucos dessa espécie ou com homens que nada temem? Imagináveis que hoje há mais de vinte mil deles em Lyon? Pretendeis servir aos interesses da Humanidade e não compreendeis os vossos! Pedi a Deus para que um dia não tenhais de lamentar não sejam todos os homens espíritas. É para isto que vós e os vossos trabalhais com todas as forças. Semeando a incredulidade, minais os fundamentos da ordem social; estimulais a anarquia, as reações sangrentas. Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. Perguntai a todos os chefes militares que têm subordinados espíritas sob suas ordens, quais os que são conduzidos com mais facilidade, que melhor observam a disciplina sem emprego do rigor. Perguntai aos magistrados, aos agentes da autoridade que têm subalternos espíritas nas camadas inferiores da sociedade, quais aqueles onde há mais ordem e tranqüilidade; sobre os quais a lei tem menos a castigar; onde há menos tumulto a apaziguar e desordens a reprimir?

Numa cidade do Sul, dizia-nos um comissário de polícia: “Desde que o Espiritismo se espalhou em minha circunscrição, tenho dez vezes menos ocorrências do que antes.”

Perguntai, enfim, aos médicos espíritas quais os doentes em que encontram menos afecções causadas pelos excessos de todo gênero? Penso ser esta uma estatística um pouco mais concludente que os vossos seis casos de alienação mental. Se tais resultados são uma loucura, tenho a glória de propagá-la. Onde foram colhidos tais resultados? Nos livros que alguns queriam lançar ao fogo; nos grupos que recomendais aos operários que fujam. O que é que se vê nesses grupos, que representais como o túmulo da razão? Homens, mulheres, crianças que ouvem com recolhimento uma doce e consoladora moral, em vez de ir ao cabaré perder dinheiro e saúde ou fazer algazarra na praça pública; que de lá saem com amor aos semelhantes no coração, em vez do ódio e da vingança.

Eis uma singular confissão feita pelo autor do artigo precitado: *“Vítimas da alucinação que os domina, admitida a premissa, raciocinam a seguir com uma lógica irrepreensível, que não faz senão fortalecer-los em sua aberração.”* Singular loucura, na verdade, essa que raciocina com uma lógica irrepreensível! Ora, qual é essa premissa? Nós o dissemos há pouco: *A alma sobrevive ao corpo, conserva sua individualidade e suas afeições e pode comunicar-se com os vivos.* Quem pode provar a verdade de uma premissa, senão a lógica *irrepreensível* das deduções? Quem diz *irrepreensível*, diz inatacável, irrefutável. Assim, se as deduções de uma premissa não inatacáveis, é que satisfazem a tudo, que nada se lhe pode opor. Se, pois, essas deduções são verdadeiras, é que a premissa é verdadeira, pois a verdade não pode ter por princípio o erro. De um princípio falso, sem dúvida, podemos deduzir conseqüências aparentemente lógicas, mas será uma lógica aparente, isto é, sofismas, e não uma lógica irrepreensível, pois deixará sempre uma porta aberta à refutação. A verdadeira lógica é a que satisfaz plenamente à razão; não pode ser contestada. A falsa lógica não passa de falso raciocínio, sempre contestável. O que caracteriza as deduções de nossa premissa é, em primeiro lugar, o serem baseadas na observação dos fatos; em segundo lugar, por explicarem de maneira racional o que, sem isto, seria inexplicável. Substituí a

nossa premissa pela negação e vos chocareis a cada passo contra dificuldades insolúveis. A teoria espírita, dizemos nós, é baseada em fatos, mas sobre milhares de fatos que se repetem todos os dias e que são observados por milhões de pessoas; a vossa, sobre meia dúzia, observados por vós. Eis uma premissa da qual cada um pode tirar a conclusão.

Círculo Espírita de Tours⁵

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE
NA SESSÃO DE ABERTURA

Terça-feira, 12 de novembro de 1862

Senhores,

“Antes de mais, devo agradecer aos Espíritos protetores da nossa pequena sociedade nascente por me haverem designado para presidi-la. Tratarei de justificar a escolha, que me honra, velando escrupulosamente para que os trabalhos de nossas reuniões tenham sempre um caráter sério e moral, objetivo que jamais devemos perder de vista, sob pena de nos expormos a muitas decepções.

“Que vimos buscar aqui, senhores, longe do tumulto dos negócios mundanos? A ciência de nossos destinos. Sim, todos quantos estamos neste modesto recinto que, espero, crescerá e se elevará pela grandeza e magnanimidade do objetivo que perseguimos, cedemos ao desejo muito natural de levantar o véu espesso que oculta aos pobres humanos o temível mistério da morte, e saber se é verdade, como ensina uma falsa ciência – e como infelizmente crêem tantos Espíritos inditosos e extraviados – que o túmulo fecha o livro dos destinos do homem.

“Bem sei que Deus colocou um facho no coração de cada um, destinado a clarear seus passos pelos rudes atalhos da vida: *a razão*; e uma balança para pesar todas as coisas de acordo

⁵ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 521.

com o seu justo valor: *a justiça*. Mas quando a viva e pura luz desse facho diretor, cada vez mais enfraquecido pelo sopro impuro das paixões pervertidas, está a ponto de extinguir-se; quando essa balança da justiça é falseada pelo erro, pela mentira; quando o cancro do materialismo, depois de ter invadido tudo, até as religiões, ameaça tudo devorar, é necessário que o Supremo Juiz venha enfim, por prodígios de sua onipotência, por manifestações insólitas, capazes de chamar a atenção violentamente, retificar os caminhos da Humanidade e retirá-la do abismo.

“Ao ponto de degradação moral em que caíram as sociedades modernas, sob a influência de falsas e perniciosas doutrinas, toleradas, se não encorajadas, pelos próprios que têm a missão especial de as reprimir; no meio desse indiferentismo geral por tudo quanto não é matéria, desse sensualismo escandaloso, exclusivo, desse furor, até agora desconhecido, de enriquecimento a qualquer preço, desse culto desenfreado do bezerro de ouro, dessa paixão desordenada do lucro, que engendra o egoísmo, congela todos os corações, falseando todas as inteligências, e tende à dissolução dos laços sociais, as comunicações de além-túmulo podem ser consideradas como *uma revelação divina*, tornada *necessária* para a chamada da ordem por parte da Providência, que não pode deixar perecer sem socorro sua criatura de predileção. E, com a rapidez com que se espalham em todos os pontos do globo os ensinamentos da Doutrina Espírita, fácil é prever que se aproxima a hora em que a Humanidade, depois de uma pausa, vai transpor nova etapa, sujeitar-se a uma nova fase de desenvolvimento na sua progressão intermitente através dos séculos.

“Quanto a nós, senhores, agradecemos à Providência por nos haver escolhido para espalhar e fazer frutificar neste pequeno recanto da Terra a semente espírita, e assim cooperar, na medida de nossas forças, na grande obra de regeneração moral que se prepara.

“A propósito de uma questão médica, neste momento eu me ocupo, como alguns dentre vós o sabeis, de um trabalho filosófico importante, no qual tento explicar, racionalmente, os fenômenos fisiológicos do Espiritismo e os correlacionar à filosofia geral. Antes de publicar esse trabalho, essencialmente antimaterialista, que ainda não passa de um esboço, proponho-me a vo-lo comunicar, a fim de que possais opinar quanto à oportunidade de submeter, à aprovação dos Espíritos elevados que nos honram com a sua assistência, os principais pontos de doutrina que ele encerra. Aliás, ali poderíamos encontrar, previamente preparadas e dispostas metodicamente, a maioria das questões que devem constituir o objeto de nossas conversas espíritas.

“Jamais devemos perder de vista, senhores, a meta essencial do Espiritismo, que é a destruição do materialismo pela prova experimental da sobrevivência da alma humana. Se os mortos respondem ao nosso apelo, se se põem em comunicação conosco, é que de fato não estão mortos; é que o último estertor da agonia não lhes marcou o termo definitivo da existência. Todos os sermões do mundo, a tal respeito, não valem um argumento como este.

“Eis por que é dever nosso, de crentes, espalhar a luz à nossa volta e não a encerrar sob o alqueire, isto é, neste pequeno recinto que, ao contrário, deve tornar-se, por nosso zelo, um foco de irradiação. Isto significa que devemos convidar todo o mundo às nossas reuniões, acolher o primeiro que chegar manifestando curiosidade de nos ver à obra, como se se tratasse de enxergar como opera um prestidigitador? Seria expor ao ridículo, de forma desastrada, a coisa mais séria do mundo, e nós mesmos nos comprometermos. Mas sempre que uma pessoa, da qual nenhum motivo tivermos para suspeitar de sua boa-fé, houver adquirido noções de Espiritismo na leitura de obras especiais e desejar testemunhar os fatos, devemos aquiescer ao seu pedido. Somente será bom regular essas modalidades de admissão e não admitir em

nossas sessões nenhuma pessoa estranha sem que a sociedade, consultada, tenha dado previamente a sua autorização.

“Senhores, quando há dois anos apenas constatávamos, com um dos nossos secretários, em casa de um amigo comum, os fenômenos espíritas de ordem mecânica e intelectual mais surpreendentes, não obstante a evidência dos fatos de que éramos testemunhas e apesar de nossa profunda convicção de que essas manifestações extraordinárias se passavam fora das leis naturais conhecidas, apenas ousáramos externar timidamente os nossos conhecimentos íntimos, tamanho era o receio que pusessem em dúvida a integridade de nossa razão. *O Livro dos Espíritos*, então pouco conhecido em Tours, ainda estava na primeira ou, quando muito, na sua segunda edição; numa palavra, quase não havia transposto, naquela época, os limites da capital. Pois bem! vede que imenso progresso no espaço de três anos! Hoje o Espiritismo penetrou em toda parte, tem adeptos em todas as classes da sociedade; reuniões e grupos mais ou menos numerosos organizam-se em todas as cidades, grandes ou pequenas, esperando a vez dos vilarejos. Hoje as obras espíritas são expostas em todas as livrarias, que têm dificuldades em satisfazer à demanda da clientela, ávida de iniciar-se nos grandes mistérios das evocações. Hoje, enfim, vulgarizado, mais ou menos conhecido de todos, o Espiritismo já não é um espantinho, um sinal de reprovação ou de desdém, e podemos corajosamente, sem temor de passar por loucos, confessar a finalidade de nossas reuniões. Podemos desafiar a zombaria e o sarcasmo e dizer aos escarnecedores: “Antes de nos ridicularizar, dignai-vos ao menos nos contar e pesar.”

“Quanto ao anátema de um partido, consideramos muito frágil o seu alcance para nos inquietarmos. Dizem que pactuamos com o *diabo*. Seja. Mas, então, é preciso convir que nem todos os diabos são maus. Aos seus olhos, o nosso verdadeiro crime é a nossa pretensão, por certo muito legítima, de nos comunicarmos com Deus e seus santos, sem a sua intermediação

compulsória. Provemos-lhe que, graças aos ensinamentos dos que eles chamam *demônios*, compreendemos a moral sublime do Evangelho, que se resume no amor de Deus e dos nossos semelhantes, e na caridade universal. Abracemos a Humanidade inteira, sem distinção de culto, de raça, de origem e, com mais forte razão, de família, de fortuna e de condição social. Que saibam que nosso Deus, o Deus dos espíritas, não é um tirano cruel e vingativo, que pune um instante de desvario com torturas eternas, mas um pai bom e misericordioso, que vela por seus filhos extraviados com uma solicitude incessante, procurando atraí-los a si por uma série de provas destinadas a lavá-los de todas as máculas. Não está escrito que *Deus não quer a morte do pecador, mas a sua conversão?*

“Quanto ao mais, nós nos reservamos expressamente, aqui como em toda parte, os direitos imprescritíveis da razão, que deve tudo dominar, tudo julgar em última instância. Não dizemos aos recalcitrantes, conduzindo-os ao pé da fogueira: *Crê ou morre, mas, crê, se tua razão o quer.*

“Ainda uma palavra para terminar, senhores, pois não quero abusar de vossa atenção. Não tendo, nem podendo ter a instituição de nossa sociedade outro fim senão a nossa instrução e o nosso melhoramento moral, devemos afastar de nossas sessões, com o maior cuidado, toda questão ligada direta ou indiretamente, seja a pessoas, à política e aos interesses materiais. *Estudo do homem em relação ao seu destino futuro*, tal o nosso programa, ao qual jamais devemos renunciar.”

Chauvet, Doutor em Medicina

Este discurso é seguido de uma comunicação obtida espontaneamente por um médium da sociedade:

“Meus amigos, o fim de vossa sociedade é de vos instruídes e de reconduzir o homem transviado à luz, há tanto tempo obscurecida pelas trevas que reinam neste século. Não

deveis olhar esta instrução como vindo esclarecer-vos sobre questões de direito ou de ciência; ela vem simplesmente vos predispor a entrar na nova via da regeneração, que deveis percorrer sem medo, pondo vossa confiança nas instruções que recebeis. Nada deveis temer, porque Deus vela pelo homem que faz o bem e não o abandona.

“Eu vos ouvi discutir a propósito de um artigo do regulamento sobre a admissão de pessoas estranhas à vossa sociedade. Escutai um pouco os conselhos de um amigo, ou, antes, de um irmão que vos fala, não da boca, mas do coração, não materialmente, mas espiritualmente; porque, crede-o, quando transpus, para vir a vós, todos os degraus dos Espíritos impuros, o espaço a percorrer não me pareceu penoso, pois via o vosso coração animado de sentimentos do bem.

“Quando uma pessoa estranha pedir para assistir às vossas reuniões, antes de admiti-la fazei-a vir em particular ao vosso gabinete e, na conversa, sondai os seus sentimentos e vede se está instruída na nova doutrina. Se nela descobirdes o desejo do bem e não simples curiosidade; se vem animada de intenções sérias, então podeis admiti-la sem receio. Mas repeli quem quer que venha com o pensamento de perturbar as sessões e desprezar os vossos ensinamentos. Pensai também que os espiões se insinuam por toda parte; o próprio Jesus teve os seus.

“Se alguém se apresenta dizendo-se espírita ou médium, não o recebeis sem saber com quem estais tratando. Não ignorais que existem médiuns cheios de frivolidades e de orgulho e que, por isso mesmo, só atraem Espíritos levianos. Diz-se muitas vezes: cada ovelha com sua parrelha. Um verdadeiro espírita não deve ter outro sentimento senão o do bem e da caridade, sem o que não pode ser assistido pelos Espíritos esclarecidos.

“Por certo a perda de um médium pode deixar um vazio entre vós, mas, por isso, não se deve crer que não tereis mais

instruções nossas; estaremos sempre prontos a vir assistir-vos nos vossos trabalhos, enquanto Deus o permitir. Se um bom médium vos é tirado, é que certamente Deus o destina a outra missão, que julga mais útil. Quem sabe o que o espera? Há coisas que o homem não pode compreender e que, no entanto, precisa aceitar.

“O caminho que ides percorrer, meus amigos, é difícil de subir, mas, com a ajuda dos vossos irmãos, que estão acima de vós, conseguireis.

“Em outra oportunidade espero vos instruir sobre questões mais graves.”

Assinado: Fénelon

Variedades

CURA POR UM ESPÍRITO

Recebemos várias cartas que comprovam a excelente aplicação do remédio indicado na *Revista Espírita* de novembro de 1862 (ver também a Errata do mês de dezembro), cuja receita foi dada por um Espírito. Um oficial de cavalaria nos disse que o farmacêutico de seu regimento teve o cuidado de prepará-la para os casos muito freqüentes de acidentes causados pelos coices dados pelos cavalos. Sabemos que outros farmacêuticos fizeram o mesmo em certas cidades.

A propósito da origem do remédio, um de nossos assinantes do Eure-et-Loir transmite-nos o seguinte fato, de seu conhecimento pessoal.

Autheusel, 6 de novembro de 1862.

“Um carregador chamado Paquine, que reside numa comuna próxima, veio ver-me, há um mês, andando de muletas.

Admirado de o ver assim, indaguei do acidente. Respondeu-me que, desde algum tempo, suas pernas estavam muito inchadas e cobertas de úlceras, e que *nenhum remédio fazia efeito*. Esse homem é espírita e tem alguma mediunidade. Disse-lhe que era necessário dirigir-se a Espíritos bons e fazê-lo com ardor. No dia de Todos os Santos vi-o na missa, com um simples bastão. No dia seguinte veio ver-me e contou o que se segue:

Senhor, disse ele, desde que me recomendastes utilizar os Espíritos bons para obter minha cura, não deixei uma noite e, muitas vezes de dia, de invocá-los e lhes mostrar quanto meu mal me prejudicava para ganhar a vida. Havia apenas cinco ou seis dias que assim orava quando uma noite, estando meio adormecido, vi um homem todo de branco aparecer no meio do quarto. Avançou para o meu aparador, tomou um pequeno pote, no qual havia o unguento de que me servia para acalmar as dores das pernas. Mostrou-me o recipiente e depois, tomando fumo que eu guardava num papel, mostrou-mo também. Em seguida foi buscar uma garrafinha com extrato de saturno, depois uma garrafa com essência de terebentina e, mostrando tudo, gesticulou que era preciso fazer uma mistura. Indicou-me a dose e a despejou no pote. Depois de fazer sinais de amizade, desapareceu. No dia seguinte fiz o que o Espírito havia prescrito e desde então minhas pernas entraram em franco processo de cura. Hoje só me resta uma inflamação no pé, que, graças à eficiência da medicação, vai aos poucos desaparecendo. Em breve espero estar livre de todo o mal.

“Eis, senhores, um fato que quase poderia ser classificado no número das curas milagrosas, e creio que seria levar longe demais o espírito de partido para aí ver apenas um fato demoníaco.

“Examinando a vulgaridade e, quase sempre, a simplicidade dos remédios indicados pelos Espíritos em geral, eu me pergunto se daí não se poderia concluir que o remédio em si

não passa de simples fórmula e que é a influência fluídica do Espírito que opera a cura. Penso que esta questão poderia ser estudada.”

“L. de Tarragon

A última questão não nos parece duvidosa, sobretudo quando se conhecem as propriedades que a ação magnética pode dar às substâncias mais benignas, à água, por exemplo. Ora, como os Espíritos também magnetizam, certamente podem dar, conforme as circunstâncias, propriedades curativas a certas substâncias. Se o Espiritismo nos revela todo um mundo de seres que pensam e agem, revela-nos também forças materiais desconhecidas, que a Ciência um dia aproveitará.

Dissertações Espíritas

PAZ AOS HOMENS DE BOA VONTADE

(Poitiers. Reunião preparatória de operários espíritas. Médium: Sr. X...)

Meus caros amigos, a vida é curta; grande é a que a precede, grande é a que a sucede. Nada acontece sem a vontade de Deus. Conseqüentemente, tudo só passa de legítima e alta justiça. Vossa miséria, quando vos aperta, é um mal merecido, uma punição, não duvideis, de faltas anteriores. Encarai-a com bravura e erguei os olhos para o alto com resignação: a bênção e o alívio descerão. Por vezes vossos pesares são a prova pedida pelo vosso próprio Espírito, desejoso de chegar prontamente à meta final, sempre entrevista no estado de desencarnado.

No momento em que o mundo se agita e sofre, em que as sociedades, em busca do que é verdadeiro, se contorcem num parto laborioso, Deus permite que o Espiritismo, isto é, um raio da eterna verdade, desça das altas regiões e vos esclareça. Nosso objetivo é mostrar-vos o caminho, mas vos deixar a liberdade, ou seja, o mérito e o demérito de vossas ações. Escutai-nos, pois, e

ficai certos de que a vossa felicidade é, para nós, uma viva preocupação. Se soubésseis quanto vossas más ações nos afligem! quanto os vossos esforços para a lei de Deus nos enchem de alegria! O Senhor nos disse: “Servidores do meu império, apóstolos devotados da minha lei, a todos levai a minha palavra; a todos explicai que a vida eterna será a dos que praticam o Evangelho; a todos os homens fizeti entender que o bem, o belo, o grande, degraus de minha eternidade, estão contidos numa palavra: *Amor*.” O Senhor nos disse: “Espíritos velozes, correi a todos: aos mais infelizes e aos mais felizes; do rei ao artesão; do fariseu ao que se queima em ardente fé.” E nós vamos a todos os lados e gritamos: aos infelizes, resignação; aos felizes: caridade, humildade; aos reis: amor aos povos; ao artesão: respeito à lei!

Meus amigos, no dia em que fizerem mais que nos escutar, isto é, no dia em que praticarem nossos preceitos, não mais egoísmo, não mais inveja. Partindo daí, não mais misérias, não mais esse luxo, que é o verme que corrói a sociedade e a enfraquece; não mais esses erros morais, que perturbam as consciências; não mais revoluções, não mais sangue! Não mais esse triste preconceito que fez com que as famílias principescas acreditassem que o povo era coisa sua e que elas eram de outro sangue; não mais nada, senão a felicidade! Vossos governos serão bons, porque governantes e governados terão aproveitado do Espiritismo. As ciências e as artes, levadas nas asas da divina caridade, elevar-se-ão a uma altura que não suspeitais; vosso clima, saneado pelos trabalhos agrícolas; vossas colheitas mais abundantes; essas palavras tão profundas de igualdade e fraternidade, enfim interpretadas sem *nenhum sonbo a despojar aquele que possui*, realizarão, eu vo-lo afirmo, as promessas do vosso Deus.

“Paz, disse o seu Cristo, aos homens de boa vontade!” Não obtivestes a paz porque não tivestes a boa vontade. A boa vontade, tanto para os pobres quanto para os ricos chama-se caridade. Há *caridade* moral, como há caridade material; e não a tivestes; e o pobre foi tão culpado quanto o rico!

Escutai-me bem: Crede e amai! Amai: muito será perdoado a quem muito amou. Crede: a fé transporta montanhas. Prudência e doçura no apostolado novo: vossa melhor exortação será o bom exemplo. Lamentai os cegos: os que não querem ver a luz. Lamentai, mas não censureis! Orai, meus amigos e a bênção de Deus será com as vossas almas. O facho da vida irradia; de todos os recantos do horizonte iluminam-se faróis; a tempestade vai sacudir e talvez quebrar os barcos! Mas o navegante que, sobre a vaga furiosa, olhar sempre o farol, atracará à costa e o Senhor lhe dirá: “Paz aos homens de boa vontade; sê bendito, tu que amaste; sê feliz, pois trabalhaste pela felicidade do próximo. Meu filho, a cada um segundo suas obras!”

F. D., antigo magistrado

Poesia Espírita

O DOENTE E O MÉDICO

Conto dedicado ao Sr. Redator do *Renard*, de Bordeaux,
pelo Espírito batedor de Carcassonne

“Não há como agüentar, doutor; é muito forte,
Exclamava, outro dia, o Sr. Rochefort!
Tomai-me o pulso, e vede estou doente;
De uma mania o globo é preso inteiramente.
Ele faz crer que Deus perdeu sua função;
Ele baixa... e eu maldigo o globo inteiro, então.
E começo a vapor... É assim que se caminha?
Onde os tempos enfim de uma berlinda minha?
Tempos sem risco algum de o pescoço quebrar,
Que de Paris a Sceaux um grupo a viajar?
Em progresso falar!... Ridículo, doutor!
Lançado a toda brida, o orbe soluça em dor;
É qual horrível caos!...Um cabo a transportar
De Calais a Pequim palavras sob o mar.
Um alfaiate faz costuras sem agulhas;
Tira-se da água fogo e de algodão fagulhas;

Mau pintor por pincéis um aparelho usando,
Retratos venderá que o sol vai fabricando!
Glória, glória ao passado! O século se envala
Esbraveja a igualdade; o povo tem a fala!
De escrever em Bordéus, Sabò faz avisado!
Examinai, doutor, tudo está transtornado.
Dos charlatães terei de desnudar a pele;
Com a breca! Informarei o chefe da *Etincelle*;
É lá que, sabre à mão, um crânio nos defende;
Não é tudo, doutor, ó escândalo! pretende
Alguém de La Fontaine assumindo expressões,
De um Espírito tal para nos dar lições.”
– Ici, de Rochefort cuspiu, baixando a voz:
“No Espírito, doutor, com fé já crede vós?
Ah! Responde o doutor! insincero, não posso,
O Espírito?... Não creio, amigo... nem no vosso.”

Nota – Este conto, cujo mérito deixamos ao leitor julgar, foi obtido espontaneamente pela *tiptologia*, como outras encantadoras poesias do mesmo médium, a propósito de um espirituoso artigo do Sr. *Aug. Bez*, inserido no *Renard*, que deseja franquear suas colunas aos adeptos do Espiritismo. *Etincelle* é um outro jornal de Bordeaux, redigido pelo Sr. Rattier, que lança fagulhas contra o Espiritismo com o objetivo de o incendiar, mas que, até agora, só conseguiu produzir uma iluminação semelhante à das *centelhas* dos fogos de artifício, que se apagam antes de tocar a terra. Quanto ao Sr. Rochefort, certamente achará esta poesia *malsã*.

Subscrição Ruanesa

Depósitos feitos no escritório da *Revista Espírita*, em 27 de janeiro de 1863:

Sociedade Espírita de Paris: 423 fr. – Príncipe da Geórgia, 20 fr.; Srs. Aumont, livr., 5 fr.; Courtois, 2 fr.; Dolé, des-litog., 5 fr.; Roger, 20 fr.; Yvose, 10 fr.; Sra. Hilaire, 20 fr 505 fr.00

Sociedades e Grupos Espíritas: de Sens, 60 fr. 05; de Orléans, 40 fr.; de Marennnes, 34 fr. 50; de Saint-Malo, 15 fr. – Srs. Bodin (de Cognac), 20 fr.; Borreau (de Niort), 3 fr.; Bitaubé (de Blaye), 5 fr.; Bourgès, tte. (de Provins), 10 fr.; Blin, cap. (de Marselha), 20 fr.; Lausat (de Condom), 5 fr.; Viseur (d'Orthez), 10 fr.; Saint-Martin, arcabuzeiro (de Maubourguet), 5 fr.; Petitjean, alfaiate e seu ajudante (de Joinville, H.-M.), 7 fr.; Auzanneau (de Neuvic), 10 fr.; Lafage (de Tarbes), 5 fr.; Jouffroy (de Gaillon), 6 fr.; Noël (de Bone), 10 fr.; D... (Guelma), 2 fr. 50; N... (ilha de Ré), 9 fr. – de Poitiers: Sr. Barbault de la Motte, antigo magistrado, 100 fr.; Sra. Barbault de la Motte, 100 fr.; Sr. Frothier, escultor, 20 fr.; Sr. Bonvalet, operário, 10 fr.; – Sociedade Espírita de Montreuil-sur-Mer, 74 fr. 497 fr. 05.

Espíritas e colônia francesa de Barcelona (Espanha): Srs. Henri de Vincio, François Nerici, Ernest Laloux, Ed. Hardy, Désiré Maigrin, Maurice Lachâtre, Srta. Marie Garette, 100 fr.; – Srs. Achon Ziegler, Ed. Bettiz, G. Sins, J.-C. Carpentier, Holder, Muller, J. Arto, Devenel, 80 fr.; Srta. Nérici, 5 fr.; Srs. Rovira, pai e filho, 2 fr. 60; Louis Borel, chapeleiro, 5 fr.; Simonnet, funileiro, 10 fr.; Srta. Caroline Vignes, 10 fr.; Sra. Guizy, 20 fr.; Srs. Guizy, 30 fr.; E. B., 5 fr.; Emprin, comissário, 10 fr.; Marius Brunos, oficial de sapateiro, 5 fr.; Leconte, irmãos, 25 fr.; Hardy, pai, 5 fr.; Flocon, caixeiro-viajante, 5 fr.; Bonsignori, joalheiro, 1 fr.; Louis Pintrau, fundidor, 1 fr.; Canals & Cia., negociantes, 15 fr.; Cousseau & Cia., tapeceiros, 10 fr.; Tasimez Bion, 1 fr.; Subernie, 1 fr.; Dupont, 2 fr.; Paul, irmãos, fabricantes, 50 fr.; Garcerie, novidades, 10 fr.; Sras. Curel, modas, 10 fr.; Antoinette Fournols, costureira, 10 fr.; Srs. Emile Cousoles, enfermeiro, 5 fr.; J. Hugon, 10 fr.; Louis Verdereau, novidades, 20 fr.; Torri, chapeleiro, 5 fr.; Joseph Faur, 1 fr.; A. C. , 5 fr.; Gustave Fouquel, 1 fr.; Lavallée, 5 fr.; Fournier, 3 fr. 75.; J.-J. Maumus, 3 fr.; Thiébault, 2 fr..... 489 fr. 35

Total 1.491 fr. 40

A subscrição continua aberta.

Allan Kardec

